L do D (Prefacio).

Ha um Lisboa um pequeno numero de restaurantes ou casas de pasto que, sobre uma loja com feitio de taberna decente se ergue uma sobreloja com ~~xxxxxx~~ uma feição pesada e caseira de restaurante de villa sem comboios. Nessas sobrelojas, salvo ao domingo pouco frequentadas, é frequente encontraem-se typos curiosos, caras sem interesse, uma série de apartes na vida.

O desejo de socego e a conveniencia de preços levaram-me, em um periodo da minha vida, a ser frequente em uma sobreloja d'essas. Succedia que, quando calhava jantar pelas sete horas, quasi sempre encontrava um individuo cujo aspecto, não me interessando a principio, pouco a pouco passou a interessar-me.

Era um homem que apparentava trinta annos, magro, mais alto que baixo, curvado exaggeradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramnete desleixado, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ Na face pallida e sem interesse de feições um ar de soffrimento não accrescentava interesse, e era difficil definir que especie de soffrimento esse ar indicava - parecia indicar varios, privações, angustias, e aquelle soffrimento que nasce da indifferença que provem de ter soffrido muito.

Jantava sempre pouco, e acabava fumando tabaco de onça. Reparava extraordinariamente para as pessoas que estavam, não suspeitosamente, mas com um interesse especial; mas não as observava como que prescrutando-as, mas como que interessndo-se por ellas sem querer fixar-lhes as feições ou detalhar-lhes as manifestações de feitio. Foi esse traço curioso ue primeiro me deu interesse por elle.

Passei a vel-o melhor, Verifiquei que um certo ar de intelligencia animava de certo modo incerto as suas feições. Mas o abatimento, a estagnação da angustia fria, cobria tão regularmente o seu aspecto que era dificil dexcortina r outro traço além d'esse.

Soube incidentalmente, por um creado do restaurant, que era empregado de commercio, numa casa alli perto.

BIBLIOTECA NACIONAL

SUCCURSAES:
FARO E MATOSINHOS

Memorandum

ENDEREÇO TELEG.-CORCAO
TELEPHONE N.° 3707

— DE —

A. XAVIER PINTO & C.ª

CAMPO DAS CEBOLAS, 43-1.º

Lisboa, ... de ..... de 19 ....

Para o
Ill.mo Sr. .....

.....

.....

Um dia houve um acontecimento na rua, por baixo das janellas - uma scena de pugilato entre dois individuos. Os ~~frm~~ que estavam na sobreloja correram ás janellas, e eu tambem, e tambem o individuo de quem fallo. Troquei com elle uma phrase casual, e elle respondeu no mesmo tom. A sua voz era baça e tremula, como as das creaturas que não esperam nada, porque é perfeitamente inutil esperar. Mas era porventura absurdo dar esse relevo ao meu collega vespertino de restaurant.

Não sei porquê, passámos a cumprimentarmo-nos desde esse dia. Um dia qualquer, que nos approximara talvez a circumstancia absurda de coincidir virmos ambos jantar ás nove e meia, entrámos em uma conversa casual, A certa altura elle perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Fallei-lhe da revista "Orpheu", que havia pouco apparecera. Elle elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permitti-me observar-lhe que extranhava, porque a arte dos que escrvem em Orpheu soe ser para poucos. Elle disse-me que talvez fôsse dos poucos. De resto, accrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soia gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo tambem

BIBLIOTECA NACIONAL

SUCCURSAES:
FARO E MATOSINHOS

Memorandum

ENDEREÇO TELEG. · CORCAO
TELEPHONE N.° 3707

— DE —

A. XAVIER PINTO & C.ª

CAMPO DAS CEBOLAS, 43-1.º

Lisboa, ... de ..... de 19 .....

Para o
Ill.mo Sr. .....

.....

.....

L do D.

Prof

O meu conhecimento com Nunes formou-se de um modo inteiramente casual. Encontrávamo-nos muitas vezes no mesmo restaurante retirado e barato. Cumprimentávamo-nos de vista; descobrimos, naturalmente, no cumprimento alguma coisa. Uma vez, por nos encontrarmos à mesma mesa, tendo o acaso juntado-nos tão frequentemente, a conversa veio-se. Começámos a encontrarmo-nos ali todos os dias, ao almoço e ao jantar. Em vez, sabíamos juntos, depois do jantar, e prolongamos com passeio, conversando.

N. suportava aquella vida nulla com uma indifferença de mestre. Um stoicismo de fundo abraçara toda a sua attitude mental.

A constituição deste espirito condemnava-o a todos os amores; a do um destino a abandonal-os a todos. Nunca encontrei alma, de poeta pensou tanto. Sem ser por um systema qualquer, este homem absorvia de todos os fins, a que a sua natureza havia destinado. Naturalmente constituido para a contemplação, fugira instinctivamente o homem de acção, sem

BIBLIOTECA NACIONAL

Teive.

Não ha maior tragedia do que a egual intensidade, na mesma alma ou no mesmo homem, do sentimento intellectual e do sentimento moral. Para que um homem possa ser distinctivamente e absolutamente moral, tem que ser um pouco estupido. Para que um homem possa ser absolutamente intellectual, tem que ser um pouco immoral. Não sei que jogo ou ironia das coisas condemna ~~xxxxx~~ o homem á impossibilidade d'esta dualidade em grande. Por meu mal, ella dá-se em mim. Assim, por ter duas virtudes, nunca pude fazer nada de mim. Não foi o excesso de uma qualidade, mas o excesso de duas, que me matou para a vida. (que me annullou, estiolou).

Sempre que, em qualquer coisa, tive um rival ou a possibilidade de um rival, desde logo abdiquei sem hesitar. É uma das poucas coisas da vida em que nunca tive hesitação. Nunca me soffreu o orgulho que concorresse com outrem, com o accrescimo hediondo da possibilidade da derrota. Do mesmo modo, nunca pude jogar em jogo de competencia. Perdi sempre com rancor e despeito. Por me julgar superior a todos? Não, que nunca me julguei superior no xadrez ou no whist. Por simples orgulho, um orgulho extravasado e sangrento, que nenhúm exforço desesperado da minha intelligencia pôde recolher ou ~~xxxxxxxx~~ estancar. Puz-me sempre aparte do mundo e da vida, e o embate de qualquer elemento d'elles feriu-mesempre como um insulto de baixo, a revolta subita de um lacaio universal.

O que particularmente me indignava contra mim, nestes momentos de duvida dolorosa, em que eu sabia de muito antes que a solução seria nenhuma, era a intromissão do factor social no jogo desequilibrado das minhas decisões. Nunca pude dominar o influxo da hereditariedade e da educação infantil. Pude sempre ~~x~~repugnar os conceitos estereis de ~~fi~~dalguia e de posição social; nunca os pude esquecer. São em mim como uma cobardia, que detesto, ~~xxx xx~~ contra a qual me revolto, mas que me prende com laços extranhos á intelligencia e á vontade. Tive um dia a occasião de casar, porventura de ser feliz, com uma rapariga muito simples, mas entre mim e ella ergueram-se-me na indecisão da alma quatorze gerações de barões, a visão da villa sorridente do meu casamento, o sarcasmo dos amigos nunca intimos, um vasto desconforto feito de mesquinhezas, mas de tantas mesquinhezas que me pesava como a commissão de um crime. E assim eu, o homem de intelligencia e de desprendimento, perdi a felicidade por causa dos visinhos que desprezo.

BIBLIOTECA NACIONAL

O modo como vestiria, as maneiras que teria, como receberia em minha casa, onde porventura eu não tivesse que receber alguem, quantas deselegancias de phrase ou de attitude a sua ternura me não pudesse fazer esquecer nem a sua dedicação velar - tudo isso me me erguia como um espectro de coisas serias, como se fosse um argumento, nas vigilias em que me debatia para o desejo de a ter na vasta rede de impossibilidades que sempre me enteramelou.

Lembro-me ainda, com uma precisão em que intercala o perfume vago do ar da primavera, da tarde em que, medibando todas estas coisas, decidi abdicar do amor como de um problema insoluvel. Era em Maio - num Maio de verão suave, florido pelas pequenas extensões da quinta em varias cores esbatidas pela queda lenta da tarde começada. Eu passeava remorsos de mim entre os meus poucos arvoredos. Havia jantado cedo, e seguia, sòsinho como um symbolo, sob as sombras inuteis e a sussurro lento das ramagens vagas. Tomou-me de repente um desejo de abdicação intensa, de claustro firmee ultimo, uma repugnancia de ter tido tantos desejos, tantas esperanças, com tanta facilidade externa de os realisar, e tanta impossibilidade intima de o poder querer. Data d'essa hora suave e triste o principio do meu suicidio.

BIBLIOTECA NACIONAL

Teive.

Pensar que considerei uma obra este monte incoherente de coisas, afinal, por escrever! Pensar, neste momento definitivo, que me julguei com força para systematizar esses elementos todos numa obra acabada e visivel! Se o poder systematizador do pensamento bastasse para a obra se fazer, se a systematização fôsse coisa que a intensidade da emoção pudesse obrar, como um breve poema ou um curto ensaio, então por certo a minha obra se haveria feito, pois se haveria deveras feito ella, em mim, e não eu a ella, como determinador. Poderia eu, bem sei, fixando-me no possivel á minha vontade pouco abarcadora, fazer breves ensaios dos fragmentos anticipados de uma obra grande jamais realizavel; poderia fazer varios livros de trechos, cada um deveras uno; poderia escolher entre as muitas phrases dispersas entre minhas notas mais do que um livro de pensamentos, que nem seria superficial nem pouco novo.

Meu orgulho, porém, nunca soffreu que eu me permittisse menos que o que a minha intelligencia poderia fazer. Nunca pude conceder a mim mesmo a auctorização para o meio-termo, para qualquer coisa menos na obra que a minha personalidade inteira e o meu desejo todo (a minha ambição toda). Se eu houvesse reconhecido na minha intelligencia uma incapacidade de para a obra synthetica, teria soffreado o meu orgulho, reconhecendo-o por loucura. Mas a deficiencia não esteve nunca na minha intelligencia, capaz sempre de grandes syntheses e de poderosas systematizações. O meu mal estava na tibieza da vontade ante o exforço medonho que essas inteirezas involviam.

Talvez, por este criterio, nenhuma obra alguma vez se houvesse feito no mundo. Reconheço-o; reconheço que, se todos os grandes espiritos houvessem tido a grandeza escrupulosa de querer fazer só o perfeito, ou, não pondo já a these impossivel, o inteiramente conforme com o total da sua individualidade, haveriam abdicado, como eu abdico.

Só tem parte na vida real do mundo quem tem mais vontade que intelligencia, ou mais impulsividade que razão. "Disjecta membra" disse Carlyle, "é o que fica de qualquer poeta, ou de qualquer homem". Mas um orgulho intenso, como o que me matou, e vae matar, não pode soffrer que seja exposto á vergonha supposta das eras o corpo mutilado e disforme da inevitavel imperfeição.

Entre o asceta e o homem vulgar não reconheço, na esphera da dignidade da alma, uso intermedio ou medio termo. Quem use que use, quem abdica que abdique. Use com a brutalidade do uso; abdique com a absoluteza da abdicação. Abdique sem lagrimas, sem consolações de si mesmo, senhor ao menos da força da sua abdicação. Despreze-se, sim, mas com dignidade.

BIBLIOTECA NACIONAL

Chorar ante o mundo - e quanto mais bello o choro, mais largo mundo se lhe abre, e mais publica vergonha - eis a ultima indignidade que pode practicar sobre a sua vida intima um vencido que não conserva a espada para o ultimo dever do soldado. Somos todos soldados neste regimento instinctivo da vida; temos que viver com a lei (da razão) ou com nenhuma lei. O prazer é para os cães, a queixa para as mulheres; o homem tem sómente, (de seu e proprio) (de intimo e proprio) a honra ou o silencio. Senti isto, mais que nunca, nas chammas do fogão em que acabei para sempre com os meus escriptos.

Ha qualquer coisa de sordido, e de tanto mais sordido quanto é ridiculo, nestes uso, que teem os fracos, de erigir em tragedias do universo as comedias tristes das tragedias proprias.

O reconhecimento d'este facto estorvou-me sempre - reconheço que com injustiça - o receber uma perfeita emoção dos versos dos grandes poetas pessimistas. Peor foi o meu descontentamento quando conheci suas vidas. Os trez grandes poetas pessimistas do seculo passado - Leopardi, Vigny e Anthero - tornaram-se-me insupportaveis. A base sexual dos seus pessimismos deixou-me, desde que a entrevi nas obras e a confirmei na noticia de suas vidas, uma sensação de nausea na intelligencia. Reconheço que tragedia possa representar para ~~xxxxxx~~ qualquer homem - e mormente para um homem de grande sensibilidade como qualquer dos trez poetas - o ser privado, seja qual for a razão, de relações sexuaes, como nos casos de Leopardi e Anthero, ou de tantas ou taes como quereria, como na circumstancia de Vigny. Essascoisas, porém, são da vida intima, e porisso não podem nem devem ser trazidas para a publicidade do verso exposto; são da vida particular e não são proprias para virem até 'a generalidade da literatura, pois nem a privação de relações sexuaes, nem a insatisfacção das que se teem, representam qualquer coisa de typico ou de largo na experiencia da humanidade.

Ainda assim, se esses poetas houvessem cantado directamente esses seus males inferiores - porque inferiores são, qualquer que seja o uso poetico d'elles -, se houvessem posto a nu as suas almas, mas a nu de nudez e não demaillot com enchidos, a propria violencia da causa da dor poderia arrancar-lhes gritos dignos, em certo modo, removendo, pela falta de occultação, o ridiculo social que, com justiça ou sem ella, pesa sobre ~~xxx~~ essas pobrezas da emoção commum. Se um homem for cobarde, pode ou não fallar nisso - o que é o melhor - ou então dizer, "sou cobarde", pela palavra propria e brutal. Num caso tem a vantagem da dignidade, no outro a da sinceridade; em ambos escapará ao comico: pois num caso nada ha dito, e nada ha pois de que rir, e no outro não ha nada que descobrir, porque elle mesmo o revelou. Mas o cobarde que se julga na necessidade de provar que o não 'e, ou de dizer que a cobardia é universal, ou de confessar a

BIBLIOTECA NACIONAL

sua fraqueza de um modo confuso e translato, que nada revela mas tambem nada vela - este é ridiculo para o geral e irritante para a intelligencia. É sob esta especie que concebo os poetas pessimistas, e todos aquelles que erigem em universaes as dores particulares que os affligem.

Como posso eu encarar com seriedade e com pena o atheismo de Leopardi se sei que esse atheismo se curaria com a copula? Como posso eu respeitar com bom grado e comprehensão o devaneio, a tristeza, a desolação de Anthero, se reconheço que tudo isso é funcção do onanismo, psyhcico ou physico, pouco importa. Como me pode impressionar o pessimismo de Vigny contra a mulher, a declamação admiravel e excessiva da Colère de Samson, se no proprio excesso da composição reconheço o "peu ou mal aimé et en souffrant cruellement" de Faguet a seu respeito - a projecção solemne d'aquillo a que p povo chama sem solemnidade a "dor de corno".

Que maneira de seriedade se pode usar perante este argumento, que é o que está no fundo da obra de Leopardi: "sou timido com mulheres, portanto Deus não existe"? Como não repugnar a conclusão de Anthero: "não tenho mulher que me ame, portanto a dor é universal"? Hei de acceitar sem desprezo involuntario a attitude de Vigny: "Não sou amado como quero, porisso a mulher é um ente reles, mesquinho, vil, contrastando com a bondade e a nobreza do homem"? Principios absolutos, e porisso falsos; ridiculos e porisso inestheticos. Rara é a coisa, aliás, que causa o riso publico que contenha em si uma perfeita segurança e dignidade. Ou tem uma qualidade que se impõe ás massas, ainda que ellas não comprehenda; ou uma qualidade que se subtrahe a ellas, de modo que ellas não riem pela simples razão que não veem. A plebe não ri da Critica da Razão Pura.

A dignidade da intelligencia está em reconhecer que é limitada e que o universo está fóra d'ella. Reconhecer, com desgosto proprio ou não, que as leis naturaes se não vergam aos nossos desejos, que o mundo existe independentemente da nossa vontade, que o sermos tristes nada prova sobre o estado moral dos astros, ou até do povo que passa pelas nossas janellas: nisto está o vero uso da razão e a dignidade racional da alma.

Da minha janella, e até nesta hora em que só a morte me attrahe, e para ella - quem nem "ella" é-(?), apressando-me, propendo, vejo os ranchos felizes dos camponios voltarem, cantando quasi religiosamente, no ar placido da tarde. Reconheço que a vida d'elles é alegre. Reconheço-o á beira da cova que eu mesmo vou abrir, e reconheço-o com o ultimo orgulho de o não deixar de reconhecer. Que tem a tristeza propria que me abate com a verdura universal das arvores, com a alegria natureza destes rapazes e raparigas que tem o fim de inverno em que me afundo com a primavera que ha no mundo, em virtude de leis naturaes, cuja acção sobre o curso dos astros faz agora florir as rosas, e cuja acção em mim faz me dar fim á minha vida?

Quanto não baixaria eu perante mim, e, de justiça, perante tudo e todos, se dissesse agora que a primavera é triste, que as flores soffrem, que os rios gemem tristezas, que a propria canção dos camponezes ha angustia e ansia, porque? - Porque Alvaro Coelho de Athayde, decimo quarto Barão de Teive descobriu que não pode escrever os livros que quere!

Circumscrevo a mim a tragedia que é minha. Soffro-a, mas soffro-a de cara a cara, sem metaphysica nem sociologia.

Tragedias, muitos as teem - todos, até, se entre ellas contarmos as occasionaes. Mas o que a cada qual compete, como homem, é não fallar na sua tragedia; e o que cada qual compete, como artista, é, ou ser homem e calar-se sobre ella, escrevendo ou cantando de outras cousas, ou extrahir d'ella, com firmeza e grandeza, uma lição universal.

Lj-do D.

Ergo-me da cadeira com um esforço monstruoso, mas tenho a impressão de que levo a cadeira commigo, e que é mais pesada , porque é a cadeira do subjectivismo.

BIBLIOTECA NACIONAL

Teive.

O escrupulo é a morte da acção. Pensar na sensibilidade alheia é estar certo de não agir. Não ha acção, por pequena que seja - e quanto mais importante, mais isso é certo - que não fira outra alma, que não magoe alguem, que não contenha elementos de que, se tivermos coração, nos não tenhamos que arrepender. Muitas vezes tenho pensado que a philosphia real do eremita estará antes no esquivar-se a ser hostil, pelo simples facto de viver, do que em qualquer pensamento directamente relacionado com o isolar-se.

BIBLIOTECA NACIONAL

Teive.

... O ascetismo involuntario e debil (frouxo) das naturezas em quem a intelligencia é como uma circulação do sangue, uma condição fundamental, uma base organica, da vida.

O ar, nessa tarde de outomno, era de uma grande doçura, e as serras longinquas recortavam-se com uma clareza fria. Não pensei, porém, muito nellas, mas nos meus pensamentos sòmente; tudo quanto fora me pareceu mais triste do que se não tivesse sido.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D. (ou Teive?)

Quantas coisas, que temos por certas ou justas, não sãomais que os vestigios dos nossos sonhos, o somnambulismo da nossa incomprehensão! Sabe acaso alguem o que é certo ou justo? ~~Sabe alguem o que é certo ou justo~~ Quantas coisas, que temos por bellas, n~ao são mais que o uso da epocha, a ficção do logar e da hora? Quantas coisas, que temos por nossas, não são mais que aquillo de que somos perfeitos espelhos, ou envolucros transparentes, alheios no sangue á raça da sua natureza!

Quanto mais medito na capacidade, que temos, de nos enganar, mais se me esvahe entre os dedos lassos a areia fina das certezas desfeitas. E todo o mundo me surge, em momentos em que a meditação se me torna um sentimento, e com isso a mente se me obnubila, como uma nevoa feita de sombra, um crepusculo dos angulos e das arestas, uma ficção do interludio, uma demora da antemanhã. Tudo se me transforma em um absoluto morto de elle mesmo, numa estagnação de pormenores. E os mesmos sentidos, com que transfiro a meditação para esquecel-a, são uma especie de somno, qualquer coisa de remoto e de sequaz, interstício, differença, acaso das sombras e da confusão.

Nesses momentos, em que comprehenderia os ascetas e os retirados, se houvesse em mim poder de comprehender os que se empenham em qualquer exforço com fins absolutos, ou em qualquer crença capaz de produzir um exforço, eu crearia, se pudesse, toda uma esthetica da desconsolação, uma rhythmica intima de ballada de berço, ~~passada~~ coada pelas ternuras da noite em grandes afastamentos de outros lares.

BIBLIOTECA NACIONAL

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de porque se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um lado differente. Não: cada um via as coisas exactamente como se haviam passado, cada um as via com um criterio identico ao do outro, mas cada um via uma coisa differente, e cada um, portanto, tinha razão.

Fiquei confuso d'esta dupla existencia da verdade.

L. do D.

Pertenço a uma geração ~~xxxxxx~~ que herdou a descrença na fé christan (no facto christão) e que creou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos paes tinham ainda o impulso credor, que transferiam do christianismo para outras formas da illusão. Uns eram enthusiastas da egualdade social, outros eram enamorados só da belleza, outros tinham a fé na sciencia e nos seus proveitos, e havia outros que, mais christãos ainda, iam buscar a Orientes e occidentes outras fromas religiosas, com que entretivessem a consciencia, sem ellas ôca, de meramente viver.

Tudo isso nós perdemos, de todas essas consoloções nascemos orphãos. Cada civilização segue a linha intima de uma religião que a representa: passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdel-as a todas.

Nós perdemos essa, e ás outras tambem.

Ficámos, pois, cada um entregue a si-proprio, na desolação de se sentir viver. Um barco parece ser um objecto cujo fim é navegar; mas o seu fim não é navegar, senão chegar a um porto. Nós encontrámosnos navegando, sem a idéa do porto a que nos deveriamos acolher. Reproduzimos assim, na especie dolorosa, a formula aventureira dos argonautas: ~~xx~~navegar é preciso, viver não é preciso.

Sem illusões, vivemos apenas do sonho, que é a illusão de quem não pode ter illusões. Vivendo de nós proprios, diminuimonos, porque o homem completo é o homem que se ignora. Sem fé, não temos esperança, e sem esperança não temos propriamente vida. Não tendo uma idéa do futuro, tambem não temos uma idéa de hoje, porque o hoje, para o homem de acção, não é senão um prologo do futuro. A energia para luctar nasceu morta comnosco, porque nós nascemos sem o enthusiasmo da lucta.

Uns de nós stagnaram na conquista ~~xxxxx~~ alvar do quotidiano, reles e baixos buscando o pão de cada dia, e querendo obtel-o sem o trabalho sentido, sem a consciencia do esforço, sem a nobreza do conseguimento.

BIBLIOTECA NACIONAL

SUCCURSAES:
FARO E MATOSINHOS

ENDEREÇO TELEG. · CORCAO
TELEPHONE N.° 3707

Memorandum

— DE —

A. XAVIER PINTO & C.ª

CAMPO DAS CEBOLAS, 43-1.º

Lisboa, ... de ..... de 19 ....

Para o
Ill.mo Sr. .....

.....

.....

Outros, de melhor stirpe, abstivemo-nos da cousa publica, nada querendo e nada desejando, e tentando levar até ao calvario do esquecimento a cruz de simplesmente existirmos. Impossivel esforço, em que não tem, como o portador da Cruz, uma origem divina na consciencia.

Outros entregaram-se, atarefados por fóra da alma, ao culto da confusão e do ruido, julgando viver quando se ouviam, crendo amar quando chocavam contra as exterioridades do amor. Viver doia-nos, porque sabiamos que estavamos vivos; morrer não nos aterrava porque tinhamos perdido a noção normal da morte,

Mas outros, Raça do Fim, limite spiritual da Hora Morta, nem tiveram a coragem da negação e do asylo em si-proprios. O que viveram foi em negação, em descontentamento e em desconsolo. Mas vivemo-lo de dentro, sem gestos, fechados sempre, pelo menos no genero de vida, entre as quatro paredes do quarto e os quatro muros de não saber agir.

L. do D.

Lento, ~~xxxxx~~ no luar lá fóra da noite lenta, o vento agita coisas que fazem sombra a mexer. Não é talvez senão a roupa que deixaram extendida ao no andar mais alto, mas a sombra, em si, não conhece camisas e fluctua impalpavel num accordo mudo com tudo.

Deixei abertas as portas da janella, para ~~á~~ dispertar cedo, mas até agora, e a noite é já tam velha que nada se ouve, não ~~xxxxxxx~~ pude deixar-me ao somno nem estar disperto bem. Um luar está para além das sombras do meu quarto, mas não passa pela janella. Existe, como um dia de prata, e os telhados do predio fronteiro, que vejo da cama, são liquidos de brancura ennegrecida. Como parabens do alto a quem não ouve, ha uma paz triste na luz dura da lua.

E sem ver, sem pensar, olhos fechados já sobre o somno ausente, medito com que palavras verdadeiras se poderá descrever um luar. Os antigos diriam que o luar é)branco, ou /falsa que é de prata. Mas a brancura/do luar é de muitas cores. Se me erguesse da cama, e visse por traz dos vidros frios, sei bem que, no alto ar isolado, o luar é de branco cinzento azulado de amarello esbatido; que, sobre os telhados varios, em ~~xxxxxxxxxx~~ desequilibrios de negrume de uns para outros, ora doura de branco preto os predios submissos, ora alaga de uma cor sem cor o encarnado ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxx~~ castanho das telhas altas. No fundo da rua, abysmo placido, onde as pedras nuas se arrendondam irregularmente, não tem cor salvo um azul que vem talvez do cinzento das pedras. Ao fundo do horizonte será ~~xx~~ quasi de azul escuro, differente do azul negro do céu ao fundo. Nas janellas onde bate, é de amarello negro.

De aqui, da cama, se abro os olhos que teem o somno que não tenho, e ~~xxx~~ um ar de neve tornada côr onde boiam filamentos de madreperola morna. E, Eeo sinto com o que sinto, é um tedio tornado sombra branca, escurecendo como se olhos se fechassem sobre essa indistincta brancura.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Quando o estio entra entristeço. Parece que a luminosidade , ainda que acre, das horas estivaes devera ~~xxxxxxx~~ acarinhar quem não sabe quem é. Mas não, a mim não me acarinha. Ha um contraste demasiado entre a vida externa que exhubera e o que sinto e penso, sem saber sentir nem pensar - o cadaver ~~xx~~ perennemente insepulto das minhas sensações. Tenho a impressão de que vivo, nesta patria informe chamada o universo, sob uma tyrannia politica que, ainda que me não opprima directamente, todavia offende qualquer occulto principio da minha alma. E então desce em mim, surdamente, lentamente, a saudade anticipada do exilio impossivel.

Tenho principalmente somno. Não um somno que traz latente, como todos os somnos, ainda os morbidos, o privilegio physico do socego. Não um somno que, porque vae esquecer a vida, e porventura trazer sonhos, traz na bandeja com que nos vem até à alma as offerendas placidas de uma grande abdicação. Não: este é um somno que não consegue dormir, que pesa nas palpebras sem as fechar, que junta num gesto que se sente ser de estupidez e repulsa as commissuras sentidas dos beiços descrentes. Este é um somno como o que pesa inutilmente sobre o corpo nas grandes insomnias da alma.

Só quando vem a noite, de algum modo sinto, não uma alegria, mas um repouso que, por outros repousos serem contentes, se sente contente por analogia dos sentidos. Então o somno passa, a confusão do lusco-fusco mental, que esse somno dera, esbate-se, esclarece-se, quasi se illumina. Vem, um momento, a esperança de outras coisas. Mas essa esperança é breve. O que sobrevém é um tedio sem somno nem ~~xxxx~~ esperança, o mau dispertar de quem não chegou a dormir. E da janella do meu quarto fito, pobre alma cansada de corpo, muitas estrellas; muitas estrellas, muitas estrellas...
tantas

9-6-1934.

BIBLIOTECA NACIONAL

6.15-

1. 1/4

30 1/4

7

213 1/2

15 1/2

229

3.49

Q. A - (A. Th.)

7.32 for G.

3-XI-1934

7.32

57

6.55

10 1/2

10.25

9 41

76

75

3

8

3 7 1/2

22 1/2

26

7

44

3 1/2

1 1/2

19

L. do D.

Quem tenha lido as paginas d'este livro, que estão antes d'esta, terá sem duvida formado a idéa de que sou um sonhador. Ter-se-ha enganado se a formou. Para ser sonhador falta-me o dinheiro.

As grandes melancolias, as tristezas cheias de tedio, não podem existir senão com um ambiente de comforto e de sobrio luxo. Porisso o Egeus de Poe, concentrado horas e horas numa absorpção doentia, o faz num castello antigo, ancestral, onde, para além das portas da grande sala onde jaz a vida, mordomos invisiveis administram a casa e a comida.

O grande sonho requer certas circumstancias sociaes. Um dia que, embevecido por certo movimento rhythmico e dolente do que escrevera, me recordei de Chateaubriand, não tardou que me lembrasse de que eu não era visconde, nem sequer bretão (normando). Outra vez que julguei sentir, no sentido do que dissera, uma similhança com Rousseau, não tardou, tambem, que me occorresse que, não tido o privilegio de ser fidalgo e castellão, tambem o não tivera de ser suisso e vagabundo.

Mas, enfim, tambem ha universo na Rua dos Douradores. Tambem aqui Deus concede que não falte o enigma de viver. E porisso, se são pobres, como a paisagem de carroças e caixotes, os sonhos que consigo extrahir de entre as rodas e as tabuas, ainda assim são para mim o que tenho, e o que posso ter.

Alhures, sem duvida, é que os poentes são. Mas até d'este quarto andar sobre a cidade se pode pensar no infinito. Um infinito com armazens em baixo, é certo, mas com estrellas ao fim... É o que me occorre, neste acabar de tarde, á janella alta, na insatisfacção do burguez que não sou e na tristeza do poeta que nunca poderei ser.

BIBLIOTECA NACIONAL

6.17

3ª

L. do D.

Entrei no barbeiro no modo do costume, com o prazer de me ser facil entrar sem constrangimento nas casas conhecidas. A minha sensibilidade do novo é angustiante: só tenho calma onde já tenho estado.

Quando me sentei na cadeira, perguntei, por um acaso que lembra, ao rapaz barbeiro que me ia collocando no pescoço um linho frio e limpo, como ia o collega da cadeira da direita, mais velho e com espirito, que estava doente. Pergubtei-lhe sem que me pesasse a necessidade de perguntar: occorreu-me a opportunidade pelo local e a lembrança. "Morreu hontem", respondeu sem tom a voz que estava por traz da toalha e de mim, e cujos dedos se erguiam da ultima inserção entre mim e o collarinho. Toda a minha boa disposição irracional morreu de repente, como o barbeiro eternamente ausente da cadeira ao lado. Fez frio em tudo quanto penso. Não disse nada.

Saudades! Tenho-as até do que me não foi nada, por uma angustia da fuga do tempo e uma doença do mysterio da vida. Caras que via habitualmente nas minhas ruas habituaes - se deixo de vel-as entristeço; e não me foram nada, a não ser o symbolo de toda a vida.

O velho sem interesse das polainas sujas, que cruzava frequentemente commigo ás nove e meia da manhã? O cauteleiro coxo que me maçava inutilmente? O velhote redondo e corado do charuto á porta da tabacaria? O dono pallido da tabacaria? O que é feito de todos elles, que, porque os vi e os tornei a ver, foram parte da minha vida? Amanhã tambem eu me sumirei da Rua da Prata, da Rua dos Douradores, da Rua dos Fanqueiros. Amanhã tambem eu - a alma que sente e pensa, o universo que sou para mim - sim, amanhã eu tambem serei o que deixou de passar nestas ruas, o que outros vagamente evocarão com um "o que será d'elle?". E tudo quanto faço, tudo quanto sinto, tudo quanto vivo, não será mais que ~~uma pessoa~~ a menos na quotidianidade de ruas de uma cidade qualquer.

BIBLIOTECA NACIONAL